

Penúria e sujidade dominam o Zango

A Capital

21 de Agosto de 2010

Raso Isaac Miguel é uma dos muitos deserdados do bairro Benfica, na Ilha de Luanda. Ela faz parte do grupo de pessoas desalojadas a 19 de Abril de 2009, à luz de uma deliberação do Conselho de Ministros. Quando os moradores do Benfica viram suas casas deitadas abaixo por homens e máquina de grande porte, tinham a promessa de que viviam em condições precárias, pelo que iriam para Zango. As promessas, na altura, foram das melhores e bem intencionadas possíveis.

“Não recebemos casas”, disse Rosa Isaac Miguel. De lá para cá, estes populares continuam a nutrir esperanças idosas por um futuro melhor, aliás, como lhes foi prometido.

“Ainda estamos a viver nas tendas”, lamentou Rosa.

E como se não bastasse, outros problemas pontificam. O abastecimento de água potável que seria diário, é feito de forma

intermitente. Quando na semana passada a reportagem A Capital passou por lá, os moradores estavam

há bastante tempo sem água. “Estamos há três semanas sem abastecimento”, contou.

Perante esta situação, a solução é comprar água. Vinte e cinco litros do líquido, custam 100 kwanzas. A fonte são as casas vizinhas ou nos reservatórios do outro lado do

bairro, numa distância de cerca de seis km, a pé.

“Fazemos o que podemos, porque precisamos da água para beber, lavar a roupa, dar banho às crianças e cozinham”, disse, por sua vez, Isaura Novito.

Algumas vezes percorrem distâncias maiores, tais como do Zango-I ao bairro Calumbo, Viana, para alcançar o rio Kwanza.

O cenário é aquele: quem não vai à fonte, não bebe água. A que existe no local, é tão imprópria que nenhum ser vivo tomaria. “Sabemos que a água não está boa para beber, mas não temos outra saída”, salienta Isaura

Novito.

Lixo, fezes e água

Os primeiros moradores do Zango-I, portanto, os populares retirados das zonas de risco da Boavista, queixam-

se de terem perdido as lavras que lhes serviam para produzir alimentos, cujas sobras iam para vendas e alimento. Tiveram que abandoná-las assim que chegaram os da ilha de Luanda.

Devido à falta de latrinas defecam e satisfazem todas as necessidades fisiológicas ao ar livre, nas lavras. “o mau cheiro chega até dentro de casa”, disse Fátima Correia, acrescentando que “isto sem falar que perdemos tudo que tínhamos plantado”, lamenta a moradora.

A nossa reportagem deu igualmente conta que, entre as tendas e as residências antigas do Zango-I está um balneário público, sem portas nem sanitas, e logo ao lado, um reservatório de água, num verdadeiro atentado à saúde pública.

A peregrina Rosa Isaac Miguel conta como o processo decorre. Segundo ele, as necessidades fisiológicas são feitas em penicos e sacos plásticos, que são depositados nos reservatórios de lixo, aproveitando a discricção da noite.

“Não temos casa de banho”, reclama Rosa Isaac, queixando-se também da falta de recolha de lixo pela operadora.

Doença no Zango já tem nome
Recentemente a comuna do Caalumbo, em Viana, foi sacudida pela morte espontânea de oito pessoas por uma doença incomum. Após tomarem conhecimento, as autoridades constituíram uma equipa ida da repartição de Saúde de Viana, encarregue de investigar as causas daquelas mortes.

“Procedemos a colheita da água e de fezes das crianças que ainda encontramos com diarreia e vómitos”, disse Elsa Palma Mendes, chefe da repartição de Saúde de Viana.

De acordo com a responsável, o saneamento do meio, fontes de abastecimento de água, hábitos higiénicos e dietéticos da comunidade foram tomados em conta durante o levantamento, tendo em conta que a doença era caracterizada por vómitos e diarreias.

“Os resultado foi Sigiloso”, informou a médica, explicando tratar-se de uma bactéria que causa diarreia sanguinolenta às pessoas e que se contrai através da intoxicação alimentar.

Elsa Mendes adiantou que a Sigiloso não tem nada a ver com a cólera. A única semelhança, observou, são os sintomas. Ambas as doenças são de transmissão via fecal oral.

“Por exemplo, se as crianças ao brincarem com o barro, senão lavarem as mãos e pegarem logo nos alimentos, podem contrair esta doença”, indica Elsa Palma

Mendes, ao esclarecer que as mortes não foram imediatas e a sintomatologia variou de pessoa para pessoa.

Alguns doentes resistiram duas semanas, enquanto outros tiveram apenas dois dias.

O tratamento dos doentes ainda segue.

Com base nos resultados do laboratório foram testados vários fármacos e a patologia é sensível, apenas, a dois fármacos, masque segundo Elsa Mendes, o nome não pode ser divulgado por uma questão de sigilo profissional e segurança para a população. “Serve para evitar a auto-medicação, no seio da comunidade”, defende Elsa.

Estes mesmos fármacos já se encontram disponíveis na unidade do bairro Venceremos

e outros centros de

saúde, como do Zango, Calumbo e Posto Médico do Anangengue.